

A AUTOFICÇÃO E O PROCESSO HISTÓRICO-SOCIAL EM O IRMÃO ALEMÃO, DE CHICO BUARQUE

Data de submissão: 07/06/2024

Data de aceite: 01/08/2024

Danieli Duarte Silva

PIBIC com apoio financeiro da UEMS
Universidade Estadual de Mato Grosso do
Sul, Letras – Port./Espanhol
Dourados – Mato Grosso do Sul
<https://lattes.cnpq.br/304739723633693>

Paulo Henrique Pressotto

Docente do curso de Letras Port./
Espanhol
Universidade Estadual de Mato Grosso
do Sul
Dourados – Mato Grosso do Sul
<http://lattes.cnpq.br/4765299826644354>

RESUMO: O livro escrito por Chico Buarque, *O Irmão Alemão*, é uma autoficção em que os acontecimentos são relatados por um narrador (caracterizado como espelho do autor Chico Buarque) que se denomina Cicco. Durante a história, os conflitos da personagem são descritos de uma maneira que o leitor se sinta muito próximo das ações e dos diálogos, isso ocorre pelo desejo/curiosidade de se saber mais sobre a vida de um dos nossos maiores artistas brasileiros e por ser um livro que apresenta o narrador em primeira pessoa, além de outras vozes intercaladas, é muito

mais fácil se identificar com Chico/Cicco e sua jornada ao desvendar o mistério que ronda sua família, ou melhor, sobre o que aconteceu com seu pai – que teve um filho - no tempo em que ele esteve na Alemanha e lá viveu um *affair* com uma mulher. O que pode levar o leitor a pensar que é uma autobiografia são os documentos e as fotos que são colocados no romance, conforme são descobertos por Ciccio. A mistura do real e da ficção é abordada no texto de Leyla Perrone-Moisés. Para a autora, a autoficção, por não ter obrigação com o real, pode misturar um acontecimento da realidade com o que gostaria que tivesse acontecido ou mudar um fato ou deixá-lo muito mais intenso e caricato, buscando também uma identificação ou empatia com o leitor. Pretende-se, neste capítulo, saber o que pode ser real ou ficção, focando, além dos aspectos ligados à vida dos sujeitos, os contextos relacionados aos acontecimentos históricos brasileiros e alemães durante os regimes autoritários.

PALAVRAS-CHAVE: CHICO BUARQUE,
AUTOFICÇÃO, *O IRMÃO ALEMÃO*.

THE AUTOFICTION THE HISTORICAL-SOCIAL PROCESS IN MY GERMAN BROTHER, BY CHICO BUARQUE

ABSTRACT: The book written by Chico Buarque, “O Irmão Alemão” (The German Brother), is an autofiction in which the events are narrated by a narrator (characterized as a mirror of the author Chico Buarque) who calls himself Cicco. Throughout the story, the character’s conflicts are described in a way that makes the reader feel very close to the actions and dialogues. This occurs due to the desire/curiosity to know more about the life of one of our greatest Brazilian artists, and also because it is a book written in the first person, making it much easier to identify with Chico/Cicco and his journey to unravel the mystery surrounding his family, or rather, what happened to his father—who had a son—during the time he spent in Germany and lived an affair with a woman. What can lead the reader to think it is an autobiography are the documents and photos that are included in the novel, as they are discovered by Cicco. The mixture of reality and fiction is addressed in the text by Leyla Perrone-Moisés. For the author, autofiction, not being bound to reality, can mix a real event with what one would like to have happened or change a fact or make it much more intense and caricatured, also seeking identification or empathy with the reader. This chapter aims to explore what can be real or fiction, focusing not only on aspects related to the subjects’ lives but also on the contexts related to historical events in Brazil and Germany during the authoritarian regimes.

KEYWORDS: CHICO BUARQUE, AUTOFICTION, *THE GERMAN BROTHER*.

INTRODUÇÃO

Autor do livro *O Irmão Alemão*, Francisco Buarque de Hollanda, conhecido como Chico Buarque, nasceu em 1944, no Rio de Janeiro, é filho do historiador Sérgio Buarque de Hollanda e Maria Amélia Cesária Alvim. Chico tornou-se um dos artistas mais relevantes da cultura brasileira, como músico e compositor. Em sua carreira como escritor de romances, publicou seis livros, além de escrever textos para teatro e roteiros de filmes. Seus romances são: *Estorvo* (1991), *Benjamin* (1995), *Budapeste* (2003), *Leite derramado* (2009), *O irmão alemão* (2014) e *Essa gente* (2019).

O Irmão Alemão é o objeto deste estudo; uma autoficção que entrelaça realidade e ficção. O livro é contado por um narrador inventado que é o alter ego de Chico. A história é narrada então pelo personagem Ciccio (Chico Buarque), e o enredo do livro gira em torno da descoberta de um segredo - o de que seu pai, Sérgio Buarque de Hollanda, um dos maiores historiadores do país, teve um “suposto” filho, gerado a partir de sua relação com Anne Margrit Ernst, na Alemanha, no fim da década de 1920. O filho nasce em 21 dezembro de 1930. Sérgio Buarque, já no Brasil, recebe uma carta sobre o nascimento do filho; Anne, a mãe, ainda na Alemanha, decide por entregar a criança à Secretaria da Infância e Juventude do distrito de Tiergarten, em Berlim. Sérgio, nome dado ao garoto, é adotado alguns anos depois pelo casal Arthur Erich Willy Gunther e Pauline Anna. Com isso, o menino recebe um novo nome: Horst Gunther.

Os espaços, Alemanha e Brasil, em seus respectivos contextos históricos - ditadura nazista lá e ditadura militar aqui -, são importantes para ambientação da obra, bem como o espaço da casa de Sérgio, o pai, e todo o mistério que ronda a existência do irmão alemão, que instiga e fascina o “personagem” Ciccio. Enquanto este a todo tempo busca por mais informações sobre esse irmão, notamos sua relação com o pai, o irmão mais velho, a mãe, os amigos e as namoradas. A casa é um dos espaços mais importantes da história, contém uma biblioteca particular com mais de dez mil livros. Em um desses livros, Ciccio descobre a carta de seu pai que dá início ao mistério e a busca pela verdade. No entrelaçar da realidade e da ficção, os momentos históricos são o pano de fundo. Os nomes dos personagens que são reais, na ficção recebem nomes fictícios, exemplos: Chico Buarque é Francisco de Hallander, conhecido na história como Ciccio; Sergio de Hollanda, pai de Chico, é Sergio de Hollander, e Assunta é Maria Amélia Buarque, sua mãe.

Os aspectos da autoficção na obra são analisados tendo por base textos críticos/teóricos que os revelam. Segundo a autora Luciane Almeida de Azevedo, em seu artigo “Autoficção e literatura contemporânea”, a autoficção é entendida como um apagamento do eu biográfico, capaz de constituir-se nas ações de seu próprio esforço em contar como a experiência de um “eu” não pode ser tratada como uma verdade absoluta, pois nela contém mais do que o eu, tem também a ficção como complemento na sua estrutura de construção. (Azevedo, 2017)

Para Anna Faedrich - estudiosa brasileira da autoficção - o termo autoficção é uma mudança no contexto histórico-cultural e social, e acontece quando o autor usa seu meio de vivência e a sua cultura ou parte dela para usar como conteúdo de suas histórias. (Faedrich, 2016). Isso é o que Buarque faz em sua obra, colocando os ambientes/fatos de uma época de regimes autoritários brasileiro e alemão como parte do contexto do livro.

No entrelaçamento entre ficção e realidade, a autoficção se institui. A memória é acionada e está representada nas relações abordadas no texto. Exemplo: quando o narrador-personagem traz seus momentos familiares para a história, podemos aludir que essas passagens fazem parte de sua memória, mas os diálogos podem dizer que pertencem à ficção, por não termos a certeza de que fazem parte de sua realidade. Além disso, e principalmente, porque a memória engana, ela provoca a invenção/criação de uma “realidade”.

A autoficção e o processo histórico-social na obra *O irmão Alemão*, envolvendo fatos do contexto ideológico nazista e ditadura militar, durante o decorrer da história, são os aspectos principais do enredo. A narrativa foca como era viver nesse período, como as ações de Ciccio tinham que ser bem pensadas ao dar aulas no cursinho; deveria ter também cuidado com os livros que eram lidos e mantidos em sua casa, na biblioteca particular de seu pai; e com suas andanças pelas ruas do Rio de Janeiro, não podendo entrar em conflitos com os militares. O período nazista é destacado quando Ciccio pensa em como seu irmão viveu nessa época, imaginava que ações haviam sido tomadas por ele já que estava dentro daquele contexto, assim como pensava em seu crescimento e desenvolvimento na Alemanha nazista.

Por meio das passagens analisadas, podemos entender o contexto dos ambientes colocados no decorrer da história. Nelas, a memória, a realidade e a ficção se apresentam e contribuem para definir a autoficção. Este trabalho também analisa como o personagem interage nesse meio social, narrando os momentos vividos na ditadura militar e como a opressão era aplicada em relação ao seu pai, que não cogitava em se posicionar em seus escritos para o jornal. Sérgio, o pai, mesmo tendo o conhecimento para repudiar o regime, assim como Ciccio, não teve uma atitude tão direta por saber das consequências que isso poderia trazer a ele e à sua família.

Com a análise dos aspectos, o leitor passa a compreender o processo histórico narrado por meio da memória, da realidade e da ficção, em que o personagem nos apresenta uma história de busca e aventuras, tanto pelas ruas de São Paulo ou em sua viagem à Alemanha em busca de conhecer o passado de seu suposto irmão, alcançando assim a compreensão na atualidade e a construção histórico-social.

Este trabalho objetiva compreender a autoficção na obra de Buarque, destacando e interpretando passagens relevantes, tendo por base conceitos teóricos utilizados para a ampliação dos sentidos e entendimento dos aspectos de realidade e ficção.

Perrone-Moisés, no capítulo “A autoficção e os limites do eu” (2016), afirma que os conceitos de autoficção se identificam quando a narrativa apresenta uma relação entre ficção e realidade e quando o narrador se coloca como um personagem na história. No romance, Ciccio é o narrador-personagem que nos conta os fatos ficcionais ou verdadeiros trazidos de sua memória.

Uma das principais características desse subgênero, além do próprio escritor se colocar na história, é quando notamos a ficção preencher lacunas/lapsos da memória; além disso, a narrativa que se aproxima mais do real também apresenta o ficcional. Exemplo: quando Ciccio narra sua relação com o pai, podemos duvidar que os diálogos e os pensamentos são descritos com toda fidelidade ao real, de modo que a memória tem suas falhas, ou seja, ela cria suas próprias ficções para complementar o sentido e isso pode ser observado na autoficção. Quando o autor descreve um acontecimento que vem na memória, ele utiliza da ficção para complementar o sentido. Vejamos a definição de Perrone-Moisés:

Toda e qualquer narrativa, mesmo aquelas que se pretendem mais colocadas ao real, têm algo ficcional. Ordem de exposição, os pormenores ressaltados ou omitidos, a ênfase dada a determinados fatos, o ângulo pelo qual eles são vistos e expostos, tudo isso dá a narrativa que se pretende mais verídica um caráter potencialmente ficcional. (Perrone-Moisés, 2016, p. 208)

Segundo Anna Fraedrich, em seu artigo “Autoficções do conceito teórico à prática na literatura brasileira contemporânea”, o autor tem ligação direta com as emoções e situações colocadas no texto. A obra de Chico corresponde a essas características, a narração descreve sentimentos e experiências adquiridas pelo personagem. Um exemplo

é quando Ciccio encontra Anne, antiga namorada de seu pai e mãe do seu irmão alemão, e descobre que ela é casada. Nesse momento, ele apresenta sentimentos confusos em relação a Anne, como se ela não devesse estar casada com outro. Ele imagina como deve ser a sua vida de casada e fica com raiva ao imaginar as relações sexuais dela com o marido. Na definição de Fraedrich:

A autoficção, assim como a lírica moderna, desprende-se do sujeito, despersonaliza-se, mas, contraditoriamente, trata do próprio sujeito, do sofrimento, do trauma, das experiências vividas, que, agora, precisam ser narradas e compartilhadas, “confessadas” – por assim dizer, precisam se tornar matéria do próprio fazer literário, ou artístico, a fim de reunir o conscientemente vivido e apreendido, com aquilo que está fora do nosso alcance, aquilo que não controlamos, o “resto”, o esquecido, que vem à tona em forma de linguagem, transformando-se em objeto palpável através das palavras.” (Fraedrich, 2014, p.51)

Autoficção é a maneira que o escritor tem de contar um fato de sua vida relacionada à sua experiência sem ter o comprometimento de contar essa história de maneira fiel, podendo utilizar de sua imaginação para deixar um acontecimento mais interessante para o leitor, deixando assim sua história sem o comprometimento exato da realidade, e é o que vemos nessa narrativa de Chico Buarque.

Compreende-se que a autoficção não faz parte de uma biografia do autor para dar sentido ao texto e sim de uma parte real da vida ou de um momento que tenha acontecido para dar contexto à escrita. Toda a parte criativa fica livre para ser usada em seu conteúdo, utilizando do eu e de sua memória como a principal fonte de matéria.

A memória é um dos elementos principais da construção de uma autoficção. Na obra, há um ponto de partida; um acontecimento real da vida do autor que, por meio de sua memória e construção de identidade, e por suas experiências vividas, acabou por levá-lo a escrever o romance. Buarque aborda as memórias da ditadura militar, usando não somente o seu conhecimento e vivência na época, mas toda a memória de um grupo que viveu no mesmo momento, trazendo também o nazismo da década de 1930, ano em que seu suposto irmão nasceu. Para isso, utilizou de suas lembranças e conhecimentos obtidos do momento.

Embora Ciccio não tenha vivido na época do nazismo, esse fato da época está presente na memória coletiva e faz parte da identidade cultural. Com isso, ele passa a ter conhecimento do que foi o nazismo e de como os sujeitos eram cerceados. No livro de Joel Candau, *Memória e identidade*, um fato histórico faz parte da memória, pois a memória histórica permanece, mesmo que seja fraca, no sujeito; isso se dá porque ela possui o compartilhamento no grupo. (Candau, 2026). E como o nazismo na Alemanha foi noticiado pelo mundo, então Ciccio tem essa memória ampliada ainda com as cartas encontradas de seu pai que estavam sob o domínio das autoridades de Berlim na década de 30. Joel Candau explica que:

[...] é frequente definir a memória social como o “conjunto de lembranças reconhecidas por um determinado grupo” ou a memória coletiva com um “conjunto de lembranças comuns a um grupo”. [...] a primeira, entre as lembranças manifestadas (objetivadas) e as lembranças tais como são memorizadas; segundo, entre a metamemória e a memória coletiva; e a última, entre o ato de memória e o conteúdo e a memória. (Candau, 2016, p.31-32).

As passagens que abordam os momentos do nazismo são somente memórias que passam na imaginação de Ciccio. São esses objetos – as cartas - que o fazem lembrar de seu pai na época em que este morou na Alemanha. Entende-se que essa recordação é uma memória coletiva que lhe traz informações sobre aquela época.

A autoficção e a memória na obra são apresentadas para o leitor quando Ciccio encontra a carta com o conteúdo de um suposto filho de seu pai, filho que existiu na vida real. Todas as aventuras de busca que Ciccio narrava no romance não se pode ter certeza, mas a mistura entre a vida real e ficcional de Chico Buarque pode ser analisada. Segundo Georg Otte, em seu artigo “A sombra do pai - sobre *O irmão alemão*, de Chico Buarque”, o autor usou um fato para criar um romance com base ficcional:

[...] todo autor usa a realidade como fonte da ficção, e um irmão alemão, encontrado por acaso na correspondência que o pai havia trocado com as autoridades do governo nazista, não deixa de dar vazão a uma grande ficção, por mais real que tenha sido o impulso inicial. (Otte, 2016, p.198).

Chico Buarque utiliza de um fato questionável de sua vida particular para transformá-lo em uma obra literária, fazendo disso um alimento da sua ficção. Otte faz a seguinte reflexão: Chico usa o real para, essencialmente, fazer parte da construção da sua narrativa, tornando-a mais relevante. O leitor ao ler esse romance questiona se os acontecimentos apontados são verdadeiros já que a autoficção não tem compromisso com a realidade fielmente.

Ciccio tenta por um tempo a aprovação e a proximidade com o pai, por ser o único que foi proibido de entrar em seu santuário - a biblioteca pessoal de Sérgio -, e em uma de suas tentativas de vínculo, acaba por invadir e folhear o livro inglês *Ramo de ouro*, e o que encontra é a carta sobre o meio irmão. Toda a narração se desenvolve a partir desse momento, pois ali descobre o segredo sobre seu pai.

Em passagens da obra, vemos essa relação de Ciccio com o Sérgio (o pai) apresentar algumas particularidades, pois, desde a infância, ele tem a lembrança de que era o único a não ter uma relação próxima. Tanto que, durante a narração, o personagem sempre volta a falar dos sentimentos que tinha pelo pai e a vontade de ser melhor que ele. Quando se formou em Letras, aprendeu a falar o alemão, essas conquistas eram uma maneira de “superar” seu pai. Em umas das passagens do primeiro capítulo do livro, ele tem a lembrança da preferência do pai pelo seu irmão:

E ainda insinuou que desde a infância eu procurava sabotar meu pai, haja vista aquele ensaio que por minha culpa desfalcaria suas obras completas. Meia verdade, porque era ao meu irmão que de tempos em tempos meu pai confiava um envelope a ser entregue na redação de A Gazeta, do outro lado da Cidade (Buarque, 2014, p.20-21).

Em alguns momentos de sua narrativa, após ler as cartas do pai, que foi enviada por Anne, mas também pela Secretaria de Berlim, ele deixa sua imaginação agir. Ciccio estava convicto que esse irmão alemão existia e, por isso, ele pensava qual teria sido o destino dele durante o nazismo. Em uma de suas divagações sobre o assunto, diz o seguinte:

[...] agora só me resta avançar: meu irmão alemão pertenceu à juventude Hitlerista, foi preso no fim da guerra aos quinze ou dezesseis anos. E tem mais aguardo até hoje as cartas da mãe e uma foto dele fazendo a saudação nazista, com suástica na braçadeira e tudo. Não sei de onde foi que saquei isso, devo ter misturado vários livros da época que andava lendo. (Buarque, 2014, p.30)

Realidade e ficção se mesclam o tempo todo na narrativa, Ciccio deixa seus sentimentos bem presentes e os momentos de divagação se associam ao real e ao inventado. A partir dos pensamentos e dúvidas, adquire uma obsessão pelo irmão alemão e pela aventura do pai. A maior parte de suas atitudes gira em torno da descoberta. Sendo capaz de confrontar seu pai, no meio de um jantar, e lhe diz que não teria vergonha de ter um filho alemão, quis ver qual seria a reação de Sérgio, que o surpreende com o silêncio. Descobre, nesse momento, que toda família tinha conhecimento desse filho/ irmão, menos ele.

Nessa procura, Ciccio abre uma investigação para encontrar vestígios e consegue informações sobre a Anne, descobre que ela está casada com o pianista Heinz Borgart e que tem um filho chamado Christian. Empenha-se na aproximação com a família para conseguir mais informações. Analisando a realidade e a ficção, nota-se que o autor prende a atenção do leitor com essa narrativa, pois os leva a acreditar que os diálogos e o contato com a família de Anne aconteceram.

Buarque, ao escrever o romance, consegue transitar entre os aspectos reais e ficcionais, principalmente quando traz os contextos históricos como pano de fundo para o romance. Um exemplo: quando o espaço da ditadura militar entra como destaque nos capítulos. Na narrativa, podemos acreditar que os fatos estão presentes nas memórias do próprio Chico pelo motivo de ele ter vivenciado esse momento. A diferença entre Ciccio e Chico na ditadura é o ponto de fronteira entre a ficção e a realidade: Ciccio não participou das críticas diretas contra o governo como Chico o fez. No capítulo cinco do livro, o personagem descreve um momento de medo que passou nas ruas de São Paulo, quando recebeu alguns insultos. Vejamos o que é relatado por ele: “[...] provocador! safado! comunista! fecharam meu caminho, me acuaram [...], só então atirei com o livro na minha mão, o segundo volume do Das Kapital” (2014, p.48). Compreende-se o momento de dor, pois a ditadura está na construção da história brasileira.

A clima da repressão pode ser notado na narração da seguinte forma: quando Ciccio testemunha amigos sumirem; quando chegam a ele informações que corpos de conhecidos estão aparecendo nas ruas depois de um tempo; também quando o pai passa a não escrever mais críticas para o jornal, pois todos ali sabiam das consequências que a ditadura trazia. Segue um trecho:

Lá em casa pouco se falava de política, se bem que meu pai, pelo que sei, tendia a ideias socialistas. Não as expressava ultimamente em público decerto porque, como supervisor geral do Cambesp, era subordinado a um governador partidário do regime militar. (Buarque, 2014, p.48)

O ápice da presença da ditadura na vida da família Hollander foi quando o filho mais velho, Domingues (o Mimmo), acabou sumindo depois de uma “visita” de soldados na casa dos Hollanders. A esperança da mãe era que o filho tivesse fugido junto com uma mulher e estivesse bem, vivendo em algum lugar do mundo, mas nunca tiveram notícias do que poderia ter acontecido com Mimmo. Com tantas coisas acontecendo na vida de Ciccio, a procura do irmão alemão não era mais prioridade, pois o pai faleceu e o irmão mais velho sumiu, sobrando somente ele e a mãe.

O personagem, ao seguir sua vida adulta com novas preocupações, com estudos em curso de pós-graduação, ministrando aulas de português em cursinho de pré-vestibular - mesmo com todos os novos afazeres - tenta obter mais informações sobre a vida de Anne. Após conseguir o contato do pianista Heinz, marido de Anne, Ciccio sente ciúme da relação entre eles – seu pai, Heinz e ela -, e se pergunta quais são os motivos da separação e porque será que seu pai saiu de maneira inesperada de Berlim. Segue a passagem:

E como o ciúme é um túnel, que dá num túnel dentro de um túnel, já me pergunto se Anne não conheceu o pianista ainda na época em que saía com meu pai. E se meu pai pusesse em dúvida a fidelidade de Anne, quanto mais a paternidade da criança, estava por fim explicada a sua partida intempestiva de Berlim. (Buarque, 2014, p.91)

Nos pensamentos e sentimentos de Ciccio pela Anne, notamos as possíveis memórias que aquele possuía em relação a ela. Ele permite, através da imaginação, desenvolver uma “obsessão” pela relação de Anne com seu pai, querendo entender o porquê de a Anne ter deixado o filho Sergio para adoção e se casar com outro homem. Segue outro fragmento:

Esse crime de honra me vem à mente no momento em que se apaga a luz do quarto do casal Beaugard, e sou tomado por um ciúme absurdo. Não sei por quê, me atormenta a ideia de que ele a toque e manipule sob os lençóis, depois de se despirem no escuro. (Buarque, 2014, p.90)

Em outra passagem, percebemos que Ciccio torna-se mais persistente para entrar na vida de Anne. Após observar a casa onde ela morava e descobrir que seu marido era professor de piano, ele tem atitude de bater a sua porta a fim de agendar aulas para sua namorada Minhocas. Essas ações são tomadas para que consiga criar uma intimidade com Anne para, posteriormente, perguntar mais sobre a relação dela com seu pai:

Não me espanta que Anne se mostre arisca com estranho [...] Hoje graças a Deus a Minhocas está curada e os doutores lhe recomendam que retome o quanto antes a vida normal [...] o acento estrangeiro se manifesta com peso. Anne agora já admite a possibilidade de um horário na próxima semana. (Buarque, 2014, p.94)

Com as aulas de Minhocas marcadas na casa de Anne, Ciccio não se apresenta formalmente para os donos da casa, ele queria ficar amigo deles primeiro para ver se descobriria alguma informação sobre a vida de Anne na época em que ela viveu na Alemanha, achava que assim ele teria notícias de seu irmão. Com os seus pensamentos lotados de incertezas, acaba por informar seu nome Hollander a Anne, esperando ver qual seria sua reação. Contudo, não obtém a reação esperada e nem as informações que queria.

Ciccio assumiu novas responsabilidades, agora cuidava da mãe, da casa e o mais importante da biblioteca de seu pai, na qual era proibido de entrar. Com o sentimento nostálgico, decide doar a biblioteca de seu pai para a Universidade de São Paulo, pois não queria mais ficar sob sua “sombra”. Após resolver seus assuntos, retoma a lembrança da procura de seu irmão alemão. Em 2013, vai até a Alemanha para conseguir mais informações a respeito dele, porém, o resultado da sua busca foi que seu irmão não estava vivo. Sergio Gunther havia falecido de câncer em 1981.

A autoficção nos últimos momentos do livro fica cada vez mais evidente, pois o Sergio Gunther realmente existiu na realidade, era apresentador de televisão e cantor, mas seu irmão mais velho, Mimmo, foi um personagem que somente existiu no romance e conviveu com Ciccio. Ao concluir o livro, Chico Buarque brinca com essa informação ao dizer:

E meus olhos talvez se embasassem ao vislumbrar a imagem em preto e branco, na outra margem do rio, do meu irmão Sergio. É o Mimmo, eu pensaria alto, e ao meu lado Robinson faria: hein? Passaria mesmo pela minha cabeça que Sergio Gunther fosse o próprio Mimmo, aos trinta anos de idade, exilado em Berlim Oriental com passado nebuloso e nome falso. (Buarque, 2014, p.225)

A existência desse irmão e dos fatos descritos pelo narrador faz o leitor se questionar sobre a real existência do personagem. Durante o tempo da narrativa, temos um personagem ficcional que segue uma busca por informações a respeito de um filho de seu pai, nascido em um país estrangeiro. Quando chegamos à leitura final, percebemos que até o próprio narrador tem um momento de reflexão se o seu irmão Mimmo, que sumiu durante a ditadura, poderia ser o filho alemão, e quando se pesquisa sobre a vida do autor, não encontramos Mimmo, mas, sim, a existência do irmão nascido na Alemanha, que tanto na realidade como na ficção existiu e teve o mesmo fim aparentemente. Buarque e seu alter ego Ciccio não conseguiram conhecer esse sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Autoficção é um subgênero que relaciona a realidade e a ficção num romance, e o autor, por meio da memória, faz uso de acontecimento(s) de sua vida para dar profundidade à narrativa. Isso é o que encontramos no livro *O irmão alemão*. Buarque utiliza-se da existência de um irmão, nascido na Alemanha, que é fruto de uma relação amorosa que seu pai, Sergio, viveu fora do casamento na época em que morou nesse país. O autor fez uso desse acontecimento para dar enredo à sua história. Como escreveu uma autoficção, os personagens não têm os mesmos nomes exatos da vida real, e os acontecimentos se originam entre a realidade e a invenção.

Compreender o que é autoficção e identificá-la em passagens da obra foram os objetivos que traçamos para este texto, buscando alcançar, por meio de teorias sobre esse subgênero e textos complementares sobre o romance, uma interpretação também dos contextos, em suas relações com as tensões entre os sujeitos, que aparecem na narrativa. No livro, além do narrador-personagem, há cartas que se revelam importantes para veracidade da história e que trazem consigo outras vozes discursivas que contribuem para a fabulação e o suspense existente.

O romance trouxe parte da história da vida do escritor, mas não podemos classificá-lo como uma autobiografia, pois faz parte de um cruzamento entre realidade e invenção, tendo como fonte os acontecimentos “reais” trazidos e forjados pela memória.

Ao explorar a autoficção, Buarque não apenas revela aspectos pessoais e familiares, mas também convida o leitor a refletir sobre as complexidades da identidade e da memória. A inserção de cartas “reais” no texto proporciona uma camada adicional de autenticidade, confundindo as fronteiras entre o real e o fictício. Essa técnica não só enriquece a narrativa, mas também estimula a curiosidade e o envolvimento do leitor, que se vê imerso em uma busca pela verdade junto ao narrador, entrando em contato com outras vozes discursivas.

Além disso, a ambientação do romance em períodos históricos específicos, tanto no Brasil quanto na Alemanha, durante regimes autoritários, acrescenta uma dimensão política e social à obra. Essa contextualização histórica permite uma análise mais profunda das circunstâncias que moldaram a vida dos personagens e o impacto desses eventos na construção de suas identidades. A dualidade entre o público e o privado, o pessoal e o histórico, é uma característica marcante da autoficção, que Buarque explora com maestria.

Por fim, *O Irmão Alemão* não só ilumina a história pessoal de Buarque, mas também oferece uma reflexão sobre a natureza da verdade e da ficção. O leitor é convidado a questionar a própria percepção da realidade e a considerar como nossas memórias e experiências pessoais são moldadas pela narrativa. A habilidade do autor em mesclar o real e o imaginário resulta em uma obra rica e multifacetada, que ressoa tanto como um documento histórico quanto como uma reflexão profundamente pessoal.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Luciene Almeida de. Autoficção e literatura contemporânea. *Revista brasileira de literatura comparada*, v. 10, n. 12, p. 31-50, 2017.

BUARQUE, Chico. *O irmão alemão*. São Paulo: Cia das Letras, 2014.

CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2019.

FAEDRICH, Anna Martins. *Autoficções: do conceito teórico à prática na literatura brasileira contemporânea*. (Tese de Doutorado), PUCRS, 2014.

_____. O conceito de autoficção: demarcações a partir da literatura brasileira contemporânea. In: *Itinerários. Revista de Literatura*, n. 40, 2015.

_____. Autoficção: um percurso teórico. *Revista Criação & Crítica*, n. 17, p. 30-46, 2016.

OTTE, Georg. A sombra do pai – sobre *O irmão alemão*, de Chico Buarque. In: *Aletria*, Belo Horizonte, v. 26, nº2, 2016, p. 195-200.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2016.